

**A IMAGEM FEMININA NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA,
DE D. AFONSO X, E NOS CONTOS “COM SUA VOZ DE MULHER”
E “A MOÇA TECELÃ”, DE MARINA COLASANTI**

***THE FEMININE IMAGE IN THE CANTIGAS DE SANTA MARIA,
BY AFONSO X, AND IN THE TALES “COM SUA VOZ DE MULHER”
AND “A MOÇA TECELÃ”, BY MARINA COLASANTI***

Elenir Batista de Souza Carvalho (SEDUC-GO)¹

Edilson Alves de Souza (UFG)²

Vanessa Gomes Franca (CEELEL/UFG)³

Resumo: Nesse artigo, analisamos algumas Cantigas de Santa Maria, de Afonso X, e os contos “Com sua voz de mulher” e “A Moça Tecelã”, de Marina Colasanti, com o objetivo de investigar a representação da mulher em tais textos. Seleccionamos as **Cantigas de Santa Maria**, para melhor compreendermos como a imagem feminina é construída através do olhar masculino de Afonso X, O Sábio. Elegemos os contos de Colasanti, visto que a autora tece uma narrativa, abordando a problemática da natureza e da singularidade da mulher. Fundamentamos nossa pesquisa em: Araújo e Carvalho (2015), Franca, Souza, Dias e Farias (2009), Leão (2007), dentre outros.

¹ Especialista em Literatura Infantil e Juvenil pela Universidade Estadual de Goiás. Graduada em Letras Portugêses/Inglês e graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás. É professora de Língua Portuguesa e Inglês no Colégio Estadual Dr. Francisco Accioli. É membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa/GEPELLP. Suas áreas de interesse e pesquisa são: literatura medieval e literatura brasileira contemporânea, com ênfase na representação da mulher; Contação de histórias; Letramento Literário. E-mail: annasofiaaguimaraes@hotmail.com.

² Doutor e Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG), onde é professor substituto da área de Teoria Literária. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura, pela Faculdade Campos Elíseos (FCE), e em Metodologia do Ensino de Língua Inglesa, pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Graduado em Letras Portugêses/Inglês pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Faz parte do Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa, e seus estudos têm se concentrado nos seguintes temas: Simbolismo animal; Literatura infantil/juvenil; Narrativas feéricas; Marina Colasanti; Metaficção; e Letramento literário. E-mail: edilson.paceros@hotmail.com

³ Doutora e Mestre em Letras e Linguística (Estudos Literários) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás e licenciada em Letras Portugêses/Francês pela mesma universidade. Entre 2017 e 2018, desenvolveu a pesquisa de Pós-doutorado O personagem escritor e a questão da narrativa metaficcional na Literatura Infantil e Juvenil brasileira, no PPGLL da Faculdade de Letras da UFG, com bolsa PNPd/CAPEs. É docente da disciplina Literatura infantil e juvenil na educação básica no curso de Especialização em Estudos Literários e Ensino de Literatura, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Desenvolve pesquisas, principalmente, nos seguintes temas: Literatura Infantil e Juvenil brasileira; Metaficção; Bestiário medieval; Cronística dos séculos XVI e XVII; Narrativa brasileira moderna e contemporânea; Tradução. É membro do Grupo de Pesquisa “Estudos sobre a narrativa brasileira contemporânea” (CNPq/UFG) e do Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa/GEPELLP. E-mail: Francavg@hotmail.com.

CARVALHO, Elenir Batista de Souza; SOUZA, Edilson Alves de; FRANCA, Vanessa Gomes. **A IMAGEM FEMININA NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA, DE D. AFONSO X, E NOS CONTOS “COM SUA VOZ DE MULHER” E “A MOÇA TECELÃ”, DE MARINA COLASANTI.**

Palavras-chave: Cantigas de Santa Maria. D. Afonso X. Marina Colasanti. Representação feminina.

Abstract: In this article, we analyzed some Cantigas de Santa Maria, by Afonso X, and the tales “Com sua voz de mulher” and “A Moça Tecelã”, by Marina Colasanti, with the aim of investigating the woman representation in such texts. We selected the **Cantigas de Santa Maria** to better comprehend how is constructed the feminine image through the male vision of Afonso X, The Wise. We chose Colasanti’s tales, for the author compose a narrative approaching the problematic of the woman nature and singularity. We based our research in: Araújo e Carvalho (2015), Franca, Souza, Dias e Farias (2009), Leão (2007), among other.

Keywords: Cantigas de Santa Maria. D. Afonso X. Marina Colasanti. Feminine representation.

Introdução

Através dos séculos, o olhar masculino esteve fixado sobre a mulher, um olhar treinado a vigiar e a punir. Tal comportamento, nas sociedades cristãs, muitas vezes, era justificado por causa de “Eva”, a “responsável” pela danação do homem. “Do sim de Eva, das escolhas feitas por ela, emergem discursos que justificam o apagamento das mulheres” (ARAÚJO; CARVALHO, 2015, p. 414). Além de ser a responsável pela queda do homem, Eva foi a “culpada” de as mulheres serem assujeitadas, silenciadas, reprimidas. Nem mesmo o tempo conseguiu distanciar o peso de suas escolhas, transferindo-o para as mulheres de gerações futuras.

No período Medieval, o homem tinha sede de Deus, sede de estar “puro”, “limpo” e esta situação também implicava no Ser-mulher, já que a mulher é herdeira de Eva, causadora da mácula na humanidade. O discurso antifeminista no medievismo era pautado, principalmente, nas Escrituras Sagradas, e levado ao pé da letra por uma parte misógina do clero, uma vez que a Igreja representava a própria voz de Deus na Terra. Segundo Márcia Maria de Melo Araújo (2015, p. 38): “Na cultura cristã, são nos textos bíblicos que, geralmente, os moralistas, tanto clericais quanto seculares, buscam fundamento para, a partir de Eva e de outras mulheres malsãs, construir sua postura misógina”.

Nascer mulher, assim, era o mesmo que ser associada ao mal, à maldição, ao pecado e estar fadada, conseqüentemente, à exclusão, ao silêncio. Isso ocorre, pois foi por

CARVALHO, Elenir Batista de Souza; SOUZA, Edilson Alves de; FRANCA, Vanessa Gomes. **A IMAGEM FEMININA NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA, DE D. AFONSO X, E NOS CONTOS “COM SUA VOZ DE MULHER” E “A MOÇA TECELÃ”, DE MARINA COLASANTI.**

meio da palavra que Eva convenceu Adão a comer do fruto proibido. “Adão é conduzido ao pecado pelas palavras persuasivas de Eva, que rompe a barreira da obediência e, com isso, acarreta o problema da subordinação feminina às vontades e aos desejos do homem” (SOARES, 2008, p. 165).

Esse discurso antifeminista que silenciava as mulheres, que as remetia ao mal perdurou “até o século XI, quando se desenvolveu o culto a Maria” (PRATAS, 2009, p. 118). Desde então, se por um lado, no período medieval, as mulheres malsãs eram associadas a Eva, por outro, as virgens, santas, eram relacionadas a Virgem Maria. Desse modo, “a mulher é colocada na posição sobredeterminada e polarizada de imagens contraditórias, em que ela era tratada, como se pode ver em textos legados dessa época, entre a adoração e a difamação simultâneas” (ARAÚJO; CARVALHO, 2015, p. 413). Dentre os textos que evidenciam a nova visão a respeito da imagem da mulher, destacamos as **Cantigas de Santa Maria**, de D. Afonso X. Escritas no século XIII, tais cantigas tencionavam divulgar o culto mariano, exaltando a mulher santa.

Tendo isso em vista, em nosso artigo, analisamos algumas Cantigas de Santa Maria, a fim de apresentar uma visão sobre a imagem feminina traçada no período medieval. Ademais, com o intuito de apontar uma perspectiva da imagem feminina tecida na contemporaneidade, investigamos os contos “Com sua voz de mulher” e “A Moça Tecelã”, da escritora Marina Colasanti.

1. A representação feminina nas *Cantigas de Santa Maria*, de D. Afonso X

A conduta e a postura do povo mediéxico eram conduzidas através de uma fé religiosa, pautada em discursos bíblicos que faziam referência ao certo ou ao errado, ao pecado ou à santidade, enunciados que a Igreja utilizava para ditar regras e normas a serem seguidas. Nesse sentido, a “Igreja medieval [...] é ponto de partida para o homem e a visão de mundo medievais e para a compreensão desse período da história da humanidade. É relevante destacar que o cristianismo, além de propagar a fé, tentava modelar a civilização” (SOUZA, 2014, f. 18).

CARVALHO, Elenir Batista de Souza; SOUZA, Edilson Alves de; FRANCA, Vanessa Gomes. **A IMAGEM FEMININA NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA, DE D. AFONSO X, E NOS CONTOS “COM SUA VOZ DE MULHER” E “A MOÇA TECELÃ”, DE MARINA COLASANTI.**

Dentre os muitos discursos proferidos e defendidos pela Igreja e pelos clérigos estava aquele do antifeminismo que, como vimos, subjugava as mulheres e as colocava em uma posição inferior ao homem, por causa da culpa primordial de Eva, que tentou Adão e o levou a pecar. Dessa maneira, uma das apreensões com as mulheres, consoante Daiane Severo da Silva (2016, p. 35), era distanciá-las “do contato mundano, preferencialmente reclusas e virgens, e proteger os homens desses seres demoníacos que representavam a tentação, pois a maior parte das autoridades eclesiásticas desse período via a mulher como portadora e como disseminadora do mal”.

Como as mulheres não eram dignas de confiança e estavam mais suscetíveis aos pecados da carne, em acordo com os discursos misóginos, a “Idade Média foi uma época dominada por homens, senhores feudais, cavaleiros, padres e monges” (FLORES, 2016, p. 43). A visão, unicamente, demoníaca sobre a mulher começa a ser alterada como consequência de modificações ocorridas

durante o referido período. As várias catedrais dedicadas a Nossa Senhora, erigidas a partir do século IX, permanecem ainda hoje testemunhos do gradual destaque que a figura da Virgem foi ganhando na mente do homem medieval. Assim, o culto até então centrado na figura de Jesus, mudaria para um teor acentuadamente mariano. A veneração a Maria, seja enquanto representação suprema da figura da Mãe, seja enquanto Mulher idealizada, reflectir-se-ia inelutavelmente, sobretudo durante o século XIII, nos vários aspectos do quotidiano medieval (CORREIA, 2016).

O século IX, então, marca o início da relevância que a imagem da Virgem teria na Idade Média e posteriormente nas sociedades futuras. Ocorre, em virtude disso, “a primeira transformação no conceito da mulher, devido à valorização do culto da virgem Maria” (FLORES, 2016, p. 43). A imagem feminina passa a ser dual. De um lado, “Eva, a tentadora, a fornicadora, o instrumento do pecado, e Maria, a coré do testamento em grego, a donzela, a jovem escolhida para ser a mãe do filho de Deus” (NÓLIBOS, 2016, p. 33).

À vista dessa nova concepção da mulher associada a Virgem Maria, quer “enquanto representação suprema da figura da Mãe, [quer] da Mulher idealizada, da Mulher santa, da Mulher pura e casta, percebe-se igualmente uma mudança na descrição da mulher nos textos líricos profanos produzidos pelos trovadores galego-portugueses” (ARAÚJO; CARVALHO, 2015, p. 415). Dentre tais textos, destacam-se as **Cantigas de Santa Maria**,

CARVALHO, Elenir Batista de Souza; SOUZA, Edilson Alves de; FRANCA, Vanessa Gomes. **A IMAGEM FEMININA NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA, DE D. AFONSO X, E NOS CONTOS “COM SUA VOZ DE MULHER” E “A MOÇA TECELÃ”, DE MARINA COLASANTI.**

que foram escritas no século XIII por D. Afonso X, também chamado de Rei Sábio. Considerado um músico e um dos grandes poetas em língua galego-portuguesa, o Rei de Castela e Leão era conhecido por sua cultura e por ser um notável patrono das artes e das letras. Assim, durante seu reinado, “a criação poética e musical tiveram reconhecido impulso para trovadores, segréis e jograis que produziram e divulgaram seus cantares em sua administração” (ARAÚJO; CARVALHO, 2015, p. 412).

As quatrocentas e vinte composições, aproximadamente, das **Cantigas de Santa Maria** atribuídas ao Rei Sábio são divididas, geralmente, em duas temáticas: cantigas de *loor* e cantigas de *miragre*. Como destaca Leão (2007, p. 23-24): “As cantigas de milagre narram intervenções milagrosas da Virgem em favor de seus devotos, ocorridas nos mais diversos ambientes [...] Já as cantigas de loor são poemas líricos, em que D. Afonso louva as virtudes e a beleza da Virgem”. Dessa forma, vemos nas cantigas a devoção do Rei Sábio a Maria e o intuito de propagação do culto marial, por meio de sua conduta e de seus milagres. Ademais, é perceptível nas cantigas um projeto ideológico do Rei de Castela e Leão para difundir seu reino.

De acordo com Márcia Maria de Melo Araújo e Elenir Batista de Souza Carvalho (2015, p. 421), em “relação às Cantigas de Santa Maria, a identificação de Maria como mãe, intercessora e rainha parece harmonizar as concepções de um modelo de mulher autorizado pela Igreja, pela Realeza e pela Nobreza”. É a partir dessa harmonização que D. Afonso X, através das **Cantigas de Santa Maria**, constrói a imagem feminina, cantiga por cantiga, estrofe por estrofe, verso por verso, exaltando, admirando e propagando sua “musa inspiradora”, Santa Maria, mulher virgem e santa. Ao fazer tal figuração da mulher tanto nas cantigas de milagres como nas de louvor, o rei ditava em qual representação seus súditos deveriam se espelhar. A fim de evidenciarmos a imagem feminina construída pelo Rei Sábio, apresentamos a cantiga “Muito foi noss’amigo Gabriel”:

CARVALHO, Elenir Batista de Souza; SOUZA, Edilson Alves de; FRANCA, Vanessa Gomes. **A IMAGEM FEMININA NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA, DE D. AFONSO X, E NOS CONTOS “COM SUA VOZ DE MULHER” E “A MOÇA TECELÃ”, DE MARINA COLASANTI.**

Muito foi noss'amigo Gabriel

De loor de Santa Maria.

*Muito foi noss' amigo
Gabriel, quando disse:
«Maria, Deus é tigo.»*

Muito foi noss' amigo u diss': «Ave Maria»
aa Virgen beita, e que Deus prenderia
en ela nossa carne con que pois britaria
o inferno antigo.
Muito foi noss' amigo...

E nunca nos podia ja mayor amizade
mostrar que quand' adusse mandado, con verdade,
que Deus ome seria pola grand' omildade
que ouv' a Virgen sigo.
Muito foi noss' amigo...

Quen viu nunc' amizade que esta semellasse
en dizer tal mandado per que Deus s'enserrasse
eno corpo da Virgen e que nos amparasse
do mortal emigo?
Muito foi noss' amigo...

E esto non fezera Deus, sse ante non visse
a bondade da Virgen, que per ela compreisse
quanto nos prometera, segund' el ante disse;
gran verdade vos digo.
Muito foi noss' amigo...

E Gabriel por esto, o angeo, devemos
amar e onrrar muito, ca per que nos salvemos
este troux' o mandado, e por que sol non demos
pelo demo un figo.
Muito foi noss' amigo... (FIDALGO, 2003, p. 241-242).

Na cantiga “Muito foi noss'amigo Gabriel”, que possui cinco estrofes e um refrão, apresenta-se o tema da Anunciação. Além disso, consoante Elvira Figaldo (2003, p. 245), o ouvinte é exortado a honrar o Anjo, uma vez que ele foi o escolhido por Deus para anunciar a Boa Nova a Maria. Tal ideia é reiterada na quinta estrofe: “E Gabriel por esto, o angeo, devemos / amar e onrrar muito, ca per que nos salvemos / este troux' o mandado” (FIDALGO, 2003, p. 242).

O Anjo Gabriel é o mensageiro de Deus a Virgem Maria, é ele que lhe dá a Boa Nova. Inicialmente, o Anjo a saúda: “Maria, Deus é tigo”, ou seja, o Senhor é convosco. Maria, mulher que demonstrou devoção a Deus, é o próprio sacrário vivo e imaculado, escolhida por suas virtudes, obediência, determinação e fé. Se Deus estava com Ela, pode-se afirmar e reconhecer que, onde está Deus, não está o pecado. Assim, Afonso X eleva a imagem feminina de Maria santa, sem pecado, e mostra aos seus súditos que em seu reino impera a salvação por meio de sua devoção à Santa.

Quando o Anjo diz: “Ave Maria”, na primeira estrofe, tomando como anagrama o primeiro vocábulo, vemos apresentada a oposição entre “Ave” e “Eva”, ou seja, as duas mães da humanidade, a do tempo da redenção (Maria, que seria/foi mãe de um salvador) e a dos tempos genesíacos (Eva, a personagem bíblica corresponsável pelo pecado original). Essa inversão não é apenas linguística, em que as letras recebem nova ordem. É também semântico-discursiva, pois um novo sentido é atribuído à figura feminina e ele está

CARVALHO, Elenir Batista de Souza; SOUZA, Edilson Alves de; FRANCA, Vanessa Gomes. **A IMAGEM FEMININA NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA, DE D. AFONSO X, E NOS CONTOS “COM SUA VOZ DE MULHER” E “A MOÇA TECELÃ”, DE MARINA COLASANTI.**

estritamente ligado ao comportamento da mulher (diante dos conteúdos da fé e da sociedade) e à postura dos discursos sobre ela.

Por meio do discurso do anjo Gabriel, “Maria, Deus é tigo” e “Ave Maria”, temos a afirmação da posição que a Virgem ocupa ao lado de Deus. Ao anunciar a Boa Nova a Virgem Maria, o Anjo está de joelhos, o que significa sinal de respeito e devoção à mulher que Deus elegeu como a mãe de seu filho. A Virgem “foi escolhida para ser a mãe de Jesus, e não conheceu homem algum. Seu espírito puro, somado à ausência de máculas profanas, a fez diferente de todas as mulheres” (ARAÚJO; CARVALHO, 2015, p. 416). Maria é exaltada, enquanto Eva é renegada. A segunda levou a raça humana à perdição, à danação, a primeira a conduziu à salvação. Desse modo, Maria “aa virgen bêeita” (FIDALGO, 2003, p. 241), fecha o ciclo iniciado com o pecado original. Segundo Glória Maria Della Líbera Pratas (2009, p. 122), a “Virgem é considerada a segunda Eva, redimindo o pecado da primeira”. Em vista desse dualismo entre Ave e Eva, Maria representa o céu, o reestabelecimento da aliança com Deus, já que “Deus prenderia / en ela nossa carne” (FIDALGO, 2003, p. 241), ou seja, Jesus se fez carne por meio dela. Eva simboliza o inferno, a morte, a perda do Paraíso e da quebra da aliança com Deus.

O Rei trovador, na segunda estrofe, faz referência à humildade de Maria: “que Deus ome seria pola grand’ omildade / que ouv’ a Virgen sigo”. Esses versos parecem repercutir uma das virtudes marianas cantadas no hino intitulado “Magnificat”, que, por sua vez, é inspirado diretamente na passagem das Sagradas Escrituras: “Maria, então, disse: ‘Minha alma engrandece o Senhor, e meu espírito exulta em Deus em meu Salvador, **porque olhou para a humilhação de sua serva.** Sim! Doravante as gerações todas me chamarão de bem-aventurada” (Lucas 1, 46-49, grifos nossos). Maria representa a imagem da mulher santa, humilde e obediente que encontrou graça diante de Deus pai todo poderoso, tornando-se, assim, a eleita para ser a mãe de Jesus. Para Fidalgo (2003, p. 246), foi a humildade de Maria que tornou possível a Encarnação e, portanto, a salvação.

Na terceira estrofe, é referido que Deus se encerraria no corpo da Virgem e que salvaria a humanidade: “per que Deus s’ enserrasse / eno corpo da Virgen e que nos amparasse / do mortal êemigo?” (FIDALGO, 2003, p. 241). Dessa maneira, Maria é a mediadora entre os homens e a salvação que para eles Deus preparou. É por meio dela que os homens são libertos do pecado e, conseqüentemente, da morte, pois, o salário do pecado é a morte (Romanos 6:23), como está na **Bíblia**.

CARVALHO, Elenir Batista de Souza; SOUZA, Edilson Alves de; FRANCA, Vanessa Gomes. **A IMAGEM FEMININA NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA, DE D. AFONSO X, E NOS CONTOS “COM SUA VOZ DE MULHER” E “A MOÇA TECELÃ”, DE MARINA COLASANTI.**

A bondade, outra característica da Virgem, é aludida na quarta estrofe: “E esto non fezera Deus se ante non visse / a bondade da Virgen, que per Ela comprisse / quanto nos prometera, segund’ El ante disse” (FIDALGO, 2003, p. 242). Foi por meio da humildade, como vimos acima, e da bondade, como vemos nessa estrofe, que Maria encontrou graça “junto de Deus” (Lucas 1, 30). Foi sua boa índole, confirmada no fato de aceitar a ser mãe do filho de Deus (“Maria disse: ‘Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lucas 1, 38)), o que tornou possível a salvação dos homens, que a fez alcançar os favores de Deus e ser louvada, bendita, bem-aventurada.

As mulheres, durante séculos, “foram vistas como a causa e objeto do pecado, eram a porta de entrada para o demônio, até mesmo quando eram mães ou esposas, ou quando viviam no convento” (CARVALHO, 2014, p. 29). Por causa disso, muitas vezes, são consideradas como a representação do mal. A mulher apresentada e louvada na cantiga pelo rei trovador é Maria, símbolo da virgindade, da pureza, da doação, da humildade e da bondade.

Nessa mesma perspectiva de exaltação a Virgem tida como imagem, espelho a ser seguido pelas demais mulheres, selecionamos um fragmento de outra cantiga em que o trovador continua sua visão de ideário feminino, de santidade e de virgindade, referindo-se à Virgem Imaculada. Vejamos:

Esta é de loor de Santa Maria.

*Sola fusti, senlleira,
virgen sen companneira.*

*Sola fusti, senlleira,
u Gabriel creviste,
e ar sen companneira
u a Deus concebiste,
e per esta maneira
o demo destroiste.*

*Sola fusti, senlleira,
virgen sen companneira.*

*Sola fusti, senlleira
ena virgüidade,
e ar sen companneira
en têer castidade,
e per esta maneira
jaz o demo na grade.
Sola fusti, senlleira,
virgen sen companneira (FIDALGO, 2003, p. 146).*

Nesta cantiga, o trovador louva a excepcionalidade de Maria, que é única, virgem sem igual: “*Sola fusti, senlleira, / virgen sen companneira*” (FIDALGO, 2003, p. 146). Maria, como vimos, é única quando crê no anjo Gabriel e concebe a Jesus, destruindo o demônio. Se a ação de Eva faz o homem pecar, sendo aprisionado pelo demônio, o sim de Maria o faz triunfar sobre o demônio, libertando a humanidade do pecado.

CARVALHO, Elenir Batista de Souza; SOUZA, Edilson Alves de; FRANCA, Vanessa Gomes. **A IMAGEM FEMININA NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA, DE D. AFONSO X, E NOS CONTOS “COM SUA VOZ DE MULHER” E “A MOÇA TECELÃ”, DE MARINA COLASANTI.**

Maria também é única por sua virgindade e castidade: “*Sola fusti, senlleira / ena virgüidade, / e ar sen companneira / en têer castidade*” (FIDALGO, 2003, p. 146). Segundo Fidalgo (2003, p. 149), esta cantiga proclama a singularidade da Virgem em relação a outras mulheres, destacando, principalmente, a sua virgindade. No que diz respeito à condição virginal de Maria, Nólivos (2016, p. 33, grifo da autora) salienta: “Com o tempo, coré foi sendo cada vez mais traduzida e entendida como ‘virgem’ até se tornar uma verdade da fé. Maria, a jovem virgem, havia gerado. Eis o último mistério de uma maternidade santificada”.

Os enunciados que envolviam a castidade e, conseqüentemente, a sexualidade eram muito relevantes para a sociedade patriarcal, e, claro, esses aspectos estavam diretamente ligados ao Ser-mulher. No medievismo, a litania do discurso misógino incidia sobre a predisposição da mulher para a concupiscência da carne. “A mulher, para os clérigos, era considerada um ser muito mais próximo da carne e dos sentidos do que o homem, mais concreto e racional e, por isso, uma pecadora em potencial” (SILVA, 2016, p. 35). As mulheres deveriam se guardar espelhando-se na Virgem e, dessa forma, estariam mais próximas de Deus e conseguiriam vencer o demônio que é símbolo da luxúria. Seguindo esse pensamento, Afonso X exalta a mulher casta.

O Rei Sábio, ao louvar Maria, por meio de suas cantigas, exalta igualmente a mulher, diferentemente do que ocorre em diversos textos misóginos escritos no mesmo período. Não obstante a isso, o olhar afonsino sobre a mulher é ainda aquele que louva a os ideais de virgindade, castidade e obediência consoante os preceitos religiosos da cristandade dominante na Idade Média.

Após evidenciarmos o olhar masculino de D. Afonso X, que escreveu suas cantigas no século XIII, acerca da mulher, apresentando ainda um olhar patriarcal, tomamos como *corpus* de análise, no próximo tópico, dois contos da escritora contemporânea Marina Colasanti, a fim de demonstrar uma nova perspectiva a respeito do Ser-mulher.

CARVALHO, Elenir Batista de Souza; SOUZA, Edilson Alves de; FRANCA, Vanessa Gomes. **A IMAGEM FEMININA NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA, DE D. AFONSO X, E NOS CONTOS “COM SUA VOZ DE MULHER” E “A MOÇA TECELÃ”, DE MARINA COLASANTI.**

2. A condição feminina nos contos “Com uma voz de mulher” e “A Moça Tecelã”, de Marina Colasanti

Para verificarmos a representação da imagem feminina nos textos contemporâneos, escolhemos os contos “Com sua voz de Mulher” e “A Moça Tecelã”, de Marina Colasanti. A autora possui várias obras que retratam o Ser-mulher e a condição feminina. Como vimos anteriormente, a mulher foi estigmatizada ora como “Eva”, a pecadora, ora como “Ave”, a santa. Colasanti rompe com esses paradigmas em seus contos, levando seus leitores a fazer uma análise crítica acerca desses discursos e a rever a imagem feminina na contemporaneidade.

Marina Colasanti possui diversas facetas. Além de escritora, é ilustradora, tradutora, conferencista, jornalista, colunista. Escreveu e escreve para diferentes veículos de comunicação. Além disso, também exerceu atividades no ramo da publicidade. De acordo com Alexandra Almeida de Oliveira e Vanessa Gomes Franca (2009, p. 12), “[e]m várias de suas entrevistas, Colasanti admite as influências exercidas pelo Jornalismo e pela Publicidade em seus textos, principalmente no que se refere à concisão. Esta tornou-se uma das marcas da produção literária da autora, evidente, sobretudo, em seus minicontos”.

Os textos colasantianos, geralmente, tratam de temáticas que afligem o ser humano, como identidade, diferença, medo, encontros e desencontros, amor, decepções, solidão, desejo, carência, dentre outros. A escritora é “assumidamente feminista e defensora dos direitos da mulher. Em suas entrevistas, em suas palestras e, igualmente, em seus livros, deixa bem claro sua opção pela mulher, pelo feminino e pela causa feminista” (FRANCA, 2009, p. 1). Assim, a autora dá voz à mulher, fazendo-nos (re)pensar a respeito do papel desta na sociedade.

Marina Colasanti, então, por meio de seus textos contemporâneos, convida-nos a fazermos uma re(leitura) da imagem feminina. No conto “Com sua voz de mulher”, que faz parte do livro **Longe como o meu querer** (1997), por exemplo, ela tece críticas pertinentes à sociedade patriarcal que há muitos anos vem estigmatizando a mulher a mera coadjuvante da história. A partir de sua escrita, a autora rompe com enunciados inferiorizantes do Ser-mulher

CARVALHO, Elenir Batista de Souza; SOUZA, Edilson Alves de; FRANCA, Vanessa Gomes. **A IMAGEM FEMININA NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA, DE D. AFONSO X, E NOS CONTOS “COM SUA VOZ DE MULHER” E “A MOÇA TECELÃ”, DE MARINA COLASANTI.**

pertencentes à sociedade patriarcal, uma vez que, para ela, é-lhe cara a matéria a respeito da mulher.

No começo do referido conto, temos um deus, dono de uma cidade, que está preocupado com a felicidade de seu povo, pois, “um dia, pelas preces, percebeu que os habitantes não eram felizes” (COLASANTI, 2015, p. 230). Não compreendendo o motivo da tristeza das pessoas, já que ele lhes provia tudo, resolveu ver mais de perto o que estava acontecendo: “– Irei até lá [...] – Entre eles, verei melhor o que se passa” (COLASANTI, 2015, p. 230). Mas como ele deveria se apresentar? Para decidir,

[...] abriu seus imensos guarda-roupas à procura de uma identidade com a qual apresentar-se no mundo dos mortais. Havia ali peles e couros de todos os animais, da lisa pele da gazela à áspera couraça do rinoceronte [...] Mas dessa vez não seria como animal que desceria à terra. Remexeu entre as peles dos humanos, suspendeu uma escura, bronzeada de sol, hesitou por um instante. Depois escolheu a mais lisa e macia, fechou-se bem dentro dela, cobriu-se com uma túnica. E desceu. **E eis que aquela mulher de longos cabelos apareceu na cidade dizendo que era deus,** [...] (COLASANTI, 2015, p. 230, grifo nosso).

Dentre as muitas peles, o deus escolheu para descer até a Terra aquela “pele” de mulher. Nos contos de fadas e na mitologia “nos deparamos com episódios em que os imortais ou os mortais se metamorfoseiam por algum motivo” (FRANCA; SOUZA; DIAS; FARIAS, 2009, p. 97). No conto em questão, o deus se metamorfoseia em mulher e, por esse motivo, no corpo e pele de uma mulher o deus tem sua divindade questionada. Como um deus poderia estar disfarçado de qualquer coisa, um ser inanimado, um animal, um rio, um gigante, mas, jamais na pele de uma mulher, como acreditam os habitantes daquela cidade.

E eis que aquela mulher de longos cabelos apareceu na cidade dizendo que era deus, e ninguém acreditou. Fosse deus, teria vindo como guerreiro, herói, ou homem poderoso. Fosse deus, apareceria como leão, touro bravio ou águia lançando-se das nuvens. Até o crocodilo e a serpente poderiam abrigar deus em seu corpo. Mas uma mulher vinda das ruas estreitas nada mais podia ser que uma mulher (COLASANTI, 2015, p. 231).

No texto colasantiano, temos “um deus que sai do seu ‘espaço’, o qual o dimensiona como uma deidade, para intervir na realidade daqueles moradores e experimenta o que é propriamente humano” (SOUZA, 2015, p. 3306, grifo do autor). Nesse caso, o deus

CARVALHO, Elenir Batista de Souza; SOUZA, Edilson Alves de; FRANCA, Vanessa Gomes. **A IMAGEM FEMININA NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA, DE D. AFONSO X, E NOS CONTOS “COM SUA VOZ DE MULHER” E “A MOÇA TECELÃ”, DE MARINA COLASANTI.**

sente na “pele” o que é ser mulher, experienciando os preconceitos que esta sofre diariamente. Ele é desacreditado, já que “uma mulher vinda das ruas estreitas nada mais podia ser que uma mulher” (COLASANTI, 2015, p. 231). A atitude de desconfiança dos habitantes da cidade “revela toda uma atitude misógina baseada na crença de que uma mulher não reuniria condições para se revestir da superioridade de um deus” (SILVA, 2006, p. 40).

Marina Colasanti, ao metamorfosear um deus em mulher, faz com que a condição feminina na sociedade seja repensada. A escritora poderia tê-lo transformado naquilo que era esperado pelos moradores da cidade, ou seja, um guerreiro, um leão, uma águia. No entanto, como mulher e como uma escritora feminista, opta por evidenciar o Ser-mulher, visto que, como salienta, é “antes de mais nada, uma fêmea da [sua] espécie, uma mulher com todos os atributos e todas as cargas das mulheres. Só que intensamente crítica” (COLASANTI, 2006).

Como é desabonado por estar na “pele” de uma mulher, o deus resolve procurar um emprego. A partir desse empreendimento, vemos, novamente, a postura misógina dos habitantes daquela cidade, os quais não lhe dão “serviços masculinos”, restando-lhe as tarefas domésticas, o único trabalho que ele poderia desenvolver como mulher. Desse modo, percebemos que nas sociedades misóginas, como critica o conto colasantiano, ao Ser-mulher não é permitido estar à frente de uma nação, não lhe cabe comandar soldados, não lhe cabe comandar suas próprias terras; ao Ser-mulher cabe apenas cuidar da casa, cuidar dos filhos e do marido, ou seja, cabe-lhe somente a dura “couraça” de doméstica: “Uma Mulher não é aquela que Comanda soldados. Uma mulher não é sequer aquela que conduz o arado. E depois de muita procura, o deus-mulher só conseguiu empregar-se em uma casa para ajudar nas tarefas domésticas” (COLASANTI, 2015, p. 231). Por meio desse trecho, “Marina Colasanti faz com que se evidencie um fato característico de diversas sociedades patriarcais, o fato de que neste contexto, a mulher não se define por si mesma, não é um ser em si, é sempre ‘o outro’ do homem” (SILVA, 2006, p. 40, grifo da autora).

Devido ao discurso da sociedade patriarcal, pautado, muitas vezes, em enunciados bíblicos, o Ser-mulher tem que provar a todo instante sua capacidade, posto que a sua condição de ser ífero, como vimos, advém da falta de Eva, a pecadora. Por causa de sua transgressão, as mulheres são dominadas, subjugadas pelos homens. Entretanto, em virtude da misoginia, ao longo dos séculos, as mulheres têm reagido e lutado para obter um lugar na

CARVALHO, Elenir Batista de Souza; SOUZA, Edilson Alves de; FRANCA, Vanessa Gomes. **A IMAGEM FEMININA NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA, DE D. AFONSO X, E NOS CONTOS “COM SUA VOZ DE MULHER” E “A MOÇA TECELÃ”, DE MARINA COLASANTI.**

sociedade que rompa com a dura “crosta” que as julga como incapazes, inferiores. Essa luta é também ideológica. Por essa razão, elas também têm tentado quebrar os estereótipos e as mitologias historicamente criados em torno de sua imagem. O que se diz atualmente sobre Cleópatra é um exemplo disso. Segundo Rose Marie Muraro (2000, p. 86), “[a]o contrário do que chegou até nós, ela [Cleópatra] não usou sua beleza para seduzir os donos do mundo e obter o poder absoluto, mas foi uma guerreira. Defendeu seu país com a própria vida. Os romanos só conseguiram dominar o Egito depois que ela morreu”. Com isso, é interessante notar que mulheres que tentam romper com a submissão patriarcal entram para a história da sociedade com rótulos pejorativos, sendo, em muitos casos, apontadas como manipuladoras, subversivas, indomáveis, anormais, bruxas, “Evas”. São esses e muitos outros enunciados que Colasanti desfaz quando dá voz e vez para o Ser-mulher em seus contos maravilhosos.

Após o deus-mulher começar a trabalhar, percebeu que as pessoas seguiam uma rotina de trabalho, não sorriam, as “mulheres fiavam. Os homens consertavam ferramentas ou faziam cestos. Ninguém falava (COLASANTI, 2015, p. 232). Em consequência dessa rotina, as pessoas e o deus se entediavam. Desse modo, ele resolve contar histórias: “[...] E uma noite, não suportando a mesmice dos gestos e do silêncio, abriu a boca e começou a contar. Contou uma história que se havia passado no seu mundo, aquele mundo onde tudo era possível e onde viver não obedecia regras pequenas como as dos homens” (COLASANTI, 2015, p. 232).

Ao transformar o deus-mulher em contadora de histórias, Colasanti dá voz ao Ser-mulher a tanto tempo “silenciado”, “amordaçado”, “desprestigiado”. Contando e recontando histórias, o deus-mulher acaba conquistando a confiança de seu povo. Consoante Edilson Alves de Souza (2015, p. 3310, grifo do autor), a “palavra trouxe uma nova dimensão de vivência também para aquela sociedade [...] A palavra funciona como fonte de renovação. As esperanças foram renovadas pela ação da palavra (“literária”)”. Assim, todos queriam ouvir as histórias da contadora, que ela contava “com sua voz de mulher”.

Após ter contado suas histórias, o deus-mulher deixa a cidade e os moradores começam a contar e a recontar suas narrativas. Dessa maneira, as histórias passam a ser transmitidas de uma pessoa a outra, de uma família a outra: “E, o tempo passando, ninguém mais podia dizer com certeza de onde tinha vindo esta ou aquela história, e quem havia

CARVALHO, Elenir Batista de Souza; SOUZA, Edilson Alves de; FRANCA, Vanessa Gomes. **A IMAGEM FEMININA NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA, DE D. AFONSO X, E NOS CONTOS “COM SUA VOZ DE MULHER” E “A MOÇA TECELÃ”, DE MARINA COLASANTI.**

contado primeiro” (COLASANTI, 2015, p. 233). A partir do conto, “Com sua voz de mulher”, Colasanti enfatiza a importância do Ser-mulher no que diz respeito a arte de contar histórias, de fazer com que a cultura e a historicidade de um povo não se percam no tempo. Antigamente, e ainda hoje, às mulheres era atribuída a arte de contar, já que os seus maridos podiam passar meses fora de casa em guerra, ou trabalhando em regiões distantes. Por meio de suas vozes e de suas memórias, contando e recontado século após século, mães, avós, cuidadoras, escravas, professoras foram capazes de manter viva a memória coletiva de diversos povos.

No conto “A Moça Tecelã”, publicado inicialmente no livro **Doze reis e a moça no labirinto do vento** (1982), Marina Colasanti, igualmente, dá voz e vez à mulher. No início do conto, temos a protagonista, uma jovem tecelã, que tecia tudo o que precisava: “Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila” (COLASANTI, 2006, p. 10). A representação que temos aqui é de uma mulher forte, que comanda e ordena sua vida: “Ela vive sozinha, é capaz de se manter e de realizar seus desejos. A única coisa que ela queria era tecer” (FRANCA; SOUZA; DIAS; FARIAS, 2009, p. 84). A protagonista, inicialmente, é senhora de suas vontades, de sua vida.

No entanto, um dia, a moça tecelã passa a não sentir somente vontade de tecer. Ser apenas tecelã parece não preencher sua vida completamente. Ela se sente solitária e resolve tecer um marido: “Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado. [...] E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado” (COLASANTI, 2006, p. 12). A jovem tecelã, ao tecer um marido para si, “casa-se”. No conto, não há menção ao casamento, a ideia fica subtendida e se realiza com a mesma magia e encanto das outras coisas tecidas por ela. Após a chegada do companheiro, deitada em seus ombros, ela sonha com os “lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade” (COLASANTI, 2006, p. 12).

Ao notarmos a felicidade da tecelã, acreditamos que veríamos “uma (re)afirmação da ideia de que somente casando e tendo filhos que a mulher será feliz. No entanto, essa

CARVALHO, Elenir Batista de Souza; SOUZA, Edilson Alves de; FRANCA, Vanessa Gomes. **A IMAGEM FEMININA NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA, DE D. AFONSO X, E NOS CONTOS “COM SUA VOZ DE MULHER” E “A MOÇA TECELÃ”, DE MARINA COLASANTI.**

imagem é desfeita, destecida pouco depois. O ‘príncipe’, tão sonhado e desejado, pela tecelã se torna um homem dominador e inquisidor” (FRANCA; SOUZA; DIAS; FARIAS, 2009, p. 86, grifo dos autores). Dessa forma, o casamento da jovem tecelã se assemelhará ao que ocorria no medievismo. Segundo Daiane Severo da Silva (2016, p. 36), a partir do momento que “a mulher medieval se casava, passava a fazer parte da família do marido [...]. No casamento, a mulher estaria restrita a um só parceiro, que tinha a função de dominá-la, de educá-la e de fazer com que tivesse uma vida pura, digna e honesta”.

Como vimos, a vontade da personagem de ter um marido é marcada pelo “desejo”: ela desejou ser feliz ao lado do marido, desejou ter filhos. No entanto, esse “desejo” e a concretização dele não duraram muito tempo, como podemos perceber: “E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque, descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar” (COLASANTI, 2006, p. 12). O marido que ela havia idealizado, que muitas vezes lhe arrancava suspiros, que poderia lhe completar, fazendo seus dias mais felizes, tornou-se seu algoz, um carrasco que lhe exigia que tecesse casa, palácio, estrebaria e outras coisas por meio do poder do tear: “Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados” (COLASANTI, 2006, p. 13). O marido, após descobrir o poder do tear, vê a moça tecelã como mero instrumento capaz de realizar sua cupidez, sem se importar com os sentimentos da mulher que, gentilmente, satisfazia suas vontades e suas exigências.

[...] Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente. – Para que ter casa, se podemos ter palácio? – perguntou. Sem querer resposta imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços [...] (COLASANTI, 2006, p. 12-13).

Para enfatizar a relação de poder instaurada pelo marido opressor, Marina Colasanti escolhe intencionalmente o verbo “exigir”, verbo esse que revela a relação dominador/dominada. Ou seja, o marido exige que ela realize suas vontades, cabendo a ela o encargo de apenas cumpri-las em detrimento de si mesma. As vontades dela, os desejos dela

CARVALHO, Elenir Batista de Souza; SOUZA, Edilson Alves de; FRANCA, Vanessa Gomes. **A IMAGEM FEMININA NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA, DE D. AFONSO X, E NOS CONTOS “COM SUA VOZ DE MULHER” E “A MOÇA TECELÃ”, DE MARINA COLASANTI.**

foram oprimidos, silenciados. É ele, homem, quem ordena, domina o tempo todo, enquanto ela, mulher, demonstra servidão e submissão. De acordo com Rosselini Diniz Barbosa Ribeiro (2003, p. 127, grifo da autora), no conto colasantiano, há uma oposição entre os papéis masculino e feminino: “[...] de um lado a mulher submissa, que atende às vontades, mandos e desmandos do marido a fim de preservar o sonhado ‘mundo paradisíaco’; do outro lado, o marido, que não poupa esforços em exigir e sufocar a mulher com caprichos e afazeres a serem atendidos”.

Além de exigir da moça tecelã várias coisas, fazendo com que ela atendesse suas determinações, o marido a tranca em uma torre: “É entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre. É para que ninguém saiba do tapete – disse. E antes de trancar a porta à chave advertiu: – Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!” (COLASANTI, 2006, p. 13). A respeito da reclusão da mulher no quarto, Georges Duby e Philippe Ariès (1990, p. 88, grifo dos autores) comentam que este “era o espaço indicado para o ‘aprisionamento’ das damas. Além de encerrá-las, era preciso ocupá-las. O ócio era algo bastante perigoso. O tempo tinha que ser dividido entre orações e trabalhos”. No caso da tecelã, o marido a aprisiona e a ocupa com suas exigências. Nesse conto, é evidenciado, então, “o sujeito feminino, a relação homem-mulher, marido-esposa. A moça tecelã não é mais ‘dona’ de sua vida. Ela passa a cumprir o papel estabelecido pela sociedade patriarcal, em que a mulher deve ficar ‘trancada’ em casa, realizando os trabalhos domésticos” (FRANCA; SOUZA; DIAS; FARIAS, 2009, p. 86, grifo dos autores).

A partir do relacionamento opressor que vive com seu marido, a tecelã pensa em como a sua vida seria melhor se ela estivesse sozinha como antes. É a partir dessa reflexão que há uma reviravolta na condição de mulher em que ela se colocou. Quando falamos “em que ela se colocou”, estamos nos referindo à liberdade que ela tinha, a sua independência que lhe era tão cara, mas, mesmo com tudo isso, ela escolheu “tecer” para si alguém que, supostamente, a completaria. A reviravolta é a atitude tomada pela moça tecelã, que resolve destecer o seu marido:

A noite acabava quando o marido estranhando a cama dura, acordou, e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito apurcado, o emplumado chapéu” (COLASANTI, 2006, p. 14).

CARVALHO, Elenir Batista de Souza; SOUZA, Edilson Alves de; FRANCA, Vanessa Gomes. **A IMAGEM FEMININA NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA, DE D. AFONSO X, E NOS CONTOS “COM SUA VOZ DE MULHER” E “A MOÇA TECELÃ”, DE MARINA COLASANTI.**

A imagem da mulher que temos agora não é mais de submissa. Na verdade, a tecelã havia se colocado na posição de sujeito submisso, por amor ou por carência, mas, no primeiro anseio de liberdade, a tecelã toma, novamente, as “rédeas” da sua vida, sendo senhora de seu destino. E, decidida, ela “destece” o marido e todas as suas exigências. A moça tecelã termina o conto sozinha e feliz, destecendo a imagem apresentada, muitas vezes, nos contos de fadas tradicionais de que a princesa/a mulher precisa de um “príncipe”/homem para ser feliz.

Considerações finais

Para que pudéssemos investigar a construção da imagem feminina na Idade Média e na contemporaneidade, recorreremos às **Cantigas de Santa Maria**, de Afonso X, e aos contos “Com sua voz de Mulher” e “A Moça Tecelã”, de Marina Colasanti.

Nas **Cantigas de Santa Maria**, o rei trovador se coloca aos pés da Virgem, exaltando-a por suas qualidades (pureza, bondade, obediência), pelos milagres e livramentos. Ele se coloca aos pés dessa dama digna de ser exaltada, mas que jamais poderá ser tocada. Afonso X, tentando cultuar Maria, traça em suas cantigas um modelo de mulher, indicando, de certo modo, a que conduta e postura as mulheres de seu reino deveriam seguir. Observamos, assim, que a representação feminina abordada nas *Cantigas de Santa Maria* faz referência à mulher doce, casta, obediente, amiga e pura.

Apesar de notarmos certo tom misógino, o rei de Castela e Leão, nas suas cantigas, fez algo pouco usual, ou pouco divulgado, naquela época: exaltar a mulher, na figura de Maria. Por essa razão, acreditamos ser importante apresentar esse “olhar de Afonso X sobre a mulher. Olhar por um viés de exaltação, que eterniza modos de Ser-mulher, permitindo-nos percorrer outros caminhos e possibilidades de ver o feminino em nossa sociedade” (ARAÚJO: CARVALHO, 2015, p. 427).

Em contrapartida, na contemporaneidade, temos outra imagem feminina, tecida pelo olhar de Marina Colasanti. Nas narrativas analisadas, ela dá voz e vez à mulher, não aquela “domesticada”, assujeitada pela sociedade patriarcal, mas a que é senhora do seu destino, que tece e destece seu próprio desejo. É interessante quando observamos a palavra

CARVALHO, Elenir Batista de Souza; SOUZA, Edilson Alves de; FRANCA, Vanessa Gomes. **A IMAGEM FEMININA NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA, DE D. AFONSO X, E NOS CONTOS “COM SUA VOZ DE MULHER” E “A MOÇA TECELÃ”, DE MARINA COLASANTI.**

“desejo” – na perspectiva de salientar os anseios da mulher ou até mesmo do ato sexual – abordada nos contos colasantianos. Na Idade Média, como vimos, a mulher deveria ser “domada” pelo homem, já que ela estava relacionada à concupiscência da carne. Logo, a ela era interdito o desejo. Marina Colasanti evidencia, em “A Moça Tecelã”, por exemplo, o desejo feminino, desejo este que a muitas mulheres foi negado por decretos, mutilações, castigos.

Tecendo e destecendo a condição feminina, Colasanti rompe com os discursos da sociedade patriarcal, que dita um modelo de conduta a ser seguido, evidenciando uma mulher que tem voz, que pode desempenhar qualquer função, que pode criar o que quiser e satisfazer seus desejos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Márcia Maria de Melo; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. **Mulher medieval e trovadorismo galego-português: o feminino e a feminização nas cantigas de amigo.** Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015.

_____; CARVALHO, Elenir Batista de Souza. A exaltação da mulher nas cantigas de Santa Maria. **Via Litterae**, Anápolis, v. 7, n. 2, p. 407-428, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/article/view/4798/3179>>. Acesso em: 10 set. 2016.

BÍBLIA SAGRADA. Português. **A Bíblia Sagrada:** contendo o velho e o novo testamento. Tradução dos originais mediante a versão dos Monges de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico. São Paulo: Editora “Ave Maria”, 1992.

CARVALHO, Elenir Batista de Souza. **A exaltação da mulher nas Cantigas de Santa Maria.** 2014. 82 f. Monografia (Graduação em Letras) – Curso de Letras, Universidade Estadual de Goiás, Pires do Rio, 2014.

COLASANTI, Marina. **Longe como o meu querer.** 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

_____. **Mais de 100 histórias maravilhosas.** São Paulo: Global, 2015.

CORREIA, Arlindo. *As cantigas de Santa Maria.* Disponível em: <<http://arlando-correia.com/080805.html>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

DUBY, Georges; ARIÈS, Philippe (Org.). **História da vida privada:** Da Europa Feudal à Renascença. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, Elenir Batista de Souza; SOUZA, Edilson Alves de; FRANCA, Vanessa Gomes. **A IMAGEM FEMININA NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA, DE D. AFONSO X, E NOS CONTOS “COM SUA VOZ DE MULHER” E “A MOÇA TECELÃ”, DE MARINA COLASANTI.**

FIDALGO, Elvira. (Coord.). **As cantigas de loor de Santa María.** Xunta de Galícia: Centro Ramon Piñero, 2003. Disponível em: <http://www.cirp.es/pub/docs/argamed/cantigas_loor.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2014.

FLORES, Katy Anne Scheffel. In: NÓLIBOS, Paulina (Org.). **Estudos culturais da Idade Média: arte, sexo, religião e outras práticas sociais.** Porto Alegre: Bestiário, 2016. p. 43-46. Disponível em: <<http://www.bestiario.com.br/Estudos%20culturais%20da%20idade%20media.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

FRANCA, Vanessa Gomes. A condição feminina presente em *O leopardo é um animal delicado* e “A moça tecelã”, de Marina Colasanti. In: SILEL, 2009, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: EDUFU, 2009. p. 1-8. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt_lt06_artigo_5.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2017.

_____; SOUZA, Edilson Alves de; DIAS, Luciana Santos Barbosa; FARIAS, Vanderléia dos Santos. Literatura infantil e juvenil brasileira: um estudo dos contos fadas de Mariana Colasanti. In: CAMARGO, Flávio Pereira; FRANCA, Vanessa Gomes. **Estudos sobre literatura e linguística: pesquisa e ensino.** São Paulo: Claraluz, 2009, p. 75-104.

LEÃO, Ângela Vaz. **Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio: aspectos culturais e literários.** Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.

MURARO, Rose Marie. **1932 – A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro.** Rose Marie Muraro. 6ª tiragem. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 2000.

NÓLIBOS, Paulina. Agostinho: a sexualidade e o modelo de ascese medieval. In: NÓLIBOS, Paulina (Org.). **Estudos culturais da Idade Média: arte, sexo, religião e outras práticas sociais.** Porto Alegre: Bestiário, 2016. p. 30-34. Disponível em: <<http://www.bestiario.com.br/Estudos%20culturais%20da%20idade%20media.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

OLIVEIRA, Alexandra Almeida; FRANCA, Vanessa Gomes. Condição feminina e os intertextos presentes em *Leopardo é um animal delicado*, de Marina Colasanti. In: CAMARGO, Flávio Pereira; CARDOSO, João Batista. **Percursos da narrativa brasileira: coletânea de ensaios.** João Pessoa: Realize Editora, 2009.

PRATAS, Glória Maria Della Líbera. O feminino na arte medieval. **Mandrágora**, Cidade, v. 15, n. 15, p. 117-124, 2009. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/MA/article/view/688/689>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

CARVALHO, Elenir Batista de Souza; SOUZA, Edilson Alves de; FRANCA, Vanessa Gomes. **A IMAGEM FEMININA NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA, DE D. AFONSO X, E NOS CONTOS “COM SUA VOZ DE MULHER” E “A MOÇA TECELÃ”, DE MARINA COLASANTI.**

RIBEIRO, Rosselini Diniz Barbosa. Bordando os desejos femininos. In: SILVA, Vera Maria Tietzmann (Org.). **E por falar em Marina...: estudos sobre Marina Colasanti.** Goiânia: Cãnone Editorial, 2003. p. 125-130.

SILVA, Daiane Severo da. Representações de mulheres e seus mistérios. In: NÓLIBOS, Paulina (Org.). **Estudos culturais da Idade Média: arte, sexo, religião e outras práticas sociais.**

Porto Alegre: Bestiário, 2016. p. 35-37. Disponível em: <<http://www.bestiario.com.br/Estudos%20culturais%20da%20idade%20media.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

SILVA, Silvana Augusta Barbosa Carrijo. Rompendo as fissuras do interdito. **Opsis**, Catalão, v. 6, n. 1, p. 33-43, 2006. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/Opsis/article/view/9311/6403#.WJQodBsrLIU>>. Acesso em: 10 out. 2016.

SOARES, Dorides Eduardo. Submissão feminina e sociedade patriarcal. In: SILVA, Geysa; ROCHA, Luiz Fernando Matos Rocha (Org.). **Quem conta um conto de fadas...: uma introdução ao mundo da fantasia.** Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2008. p. 164-167.

SOUZA, Edilson Alves de. **O setenário dos pecados capitais na tradição bestiária medieval.** 2014. 179 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

_____. (Re)atualização mitológica em “Com sua voz de mulher”, de Marina Colasanti. In: **Congresso Internacional de Literatura Infantil e Juvenil**, 4, 2015, Presidente Prudente. *Anais...* Presidente Prudente: UNESP, 2015. p. 3303-3314. Disponível em <<http://www2.fct.unesp.br/congresso/cellij/css/template/ebook.pdf>>. Disponível em: Acesso em: 10 jan. 2016.

Recebido em 19/11/2021
Aprovado em 20/12/2021